



Linguagem, cultura e cognição: da Filosofia pela Linguística Antropológica à Linguística Cultural

Ulrike Schröder

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7764-7249>

schroderulrike@gmx.com

RESUMO

Neste artigo, discorremos sobre o desenvolvimento de abordagens focalizadas na relação entre linguagem, cultura e cognição no decorrer de três séculos. Começamos com o crescimento de um interesse mais sucinto pela relação entre língua e pensamento no século dezoito junto ao empirismo, ao qual, pouco a pouco, juntou-se o terceiro elemento, a cultura, na transição do idealismo para o romantismo até que, a partir do século vinte, iniciaram-se as primeiras pesquisas empíricas na interface da Antropologia e da Linguística no terreno norte-americano. Logo, quase duas décadas após o surgimento da Linguística Cognitiva, na segunda metade dos anos noventa, nasceu a Linguística Cultural como uma corrente que visa a unir as questões da Linguística Cognitiva àquelas da Linguística Antropológica, ao propor conceitos específicos na interface desses dois campos de atuação. Após ter apresentado as premissas e os conceitos centrais da Linguística Cultural, direcionaremos nosso olhar para os temas que estão em foco atualmente, tais como inglês como língua franca, comunicação intercultural, fala-em-interação multimodal, *World Englishes* e línguas pluricêntricas, a partir de pesquisas baseadas em *corpora*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cultural; Linguística Antropológica; Linguística Cognitiva; Conceptualizações culturais.

Language, culture, and cognition: From Cultural Anthropology to Cultural Linguistics

ABSTRACT

This article aims at sketching the development of the different lines of research that have focused on the relationship between language, culture and cognition in the course of almost three decades. I will start with the 18th century when a more concise interest in the interaction of language and thought arose to which the third element, culture, had been added little by little with the transition from idealism to romanticism. Finally, in the beginning of the 20th century, the first empirical studies had been initiated at the interface of anthropology and linguistics on North American grounds. Almost two decades after the arrival of cognitive linguistics, in the mid-nineties, cultural linguistics was born as a line of research striving for bringing together central issues of cognitive and anthropological linguistics. After having presented the central concepts and premises of this new strand, I will draw my attention towards the current focus of cultural linguistics that includes topics such as English as a lingua franca, intercultural communication, talk in multimodal interaction, World Englishes, as well as pluricentric languages from a *corpus*-linguistic perspective.

KEYWORDS: Cultural Linguistics; Anthropological Linguistics; Cognitive Linguistics; Cultural conceptualizations.



1. Introdução

A Linguística Cognitiva surgiu com o intuito de propor o estudo de mecanismos cognitivos, como memória, categorização, metáfora, metonímia e atenção no uso da língua, dando origem a uma abordagem multidisciplinar e perspectivada que parte da experiência humana em toda sua abrangência, isto é, incluindo os níveis físico, individual, social e cultural. Em oposição às visões gerativista, formal e estruturalista, a perspectiva corporificada destaca a primazia da semântica, bem como a natureza enciclopédica da significação, e defende o conexionismo enquanto uma rede de camadas neuronais em interação (SOARES, 1997; TAYLOR; XU, 2021; SINHA, 2021). Palmer (2007, p. 1045) destaca que esta primazia da semântica *per se* implica uma visão cultural do conhecimento enciclopédico. Sendo assim, cultura, na perspectiva da Linguística Cognitiva, serve como fonte não apenas do léxico, como se reflete nas expressões idiomáticas e metafóricas, cultura é igualmente fonte da gramática da qual fazem parte categorias complexas, radiais e conceptuais, protótipos e esquemas imagéticos, bem como cenários e *scripts*. É a ‘imagem’ ou o ‘imaginário’ (*imagery*) que surge de todos os modos sensoriais da experiência humana e passa pela cognição, formação, abstração, comparação, amplificação, supressão e análise, tudo filtrado pela cultura (PALMER, 1996).

Se a linguagem fornece uma janela para a mente, e se há diferenças entre as mentes individuais como resultado das diferenças entre as culturas que compõem estas mentes, as línguas (em todos os níveis de análise) providenciarão uma janela para cognição culturalmente específica. (SINHA, 2021, p. 387, tradução nossa).¹

A intenção primordial da Linguística Cultural é juntar duas tradições de pesquisa, a Antropologia Linguística e a Linguística Cognitiva. No entanto, ela não vem do nada, pelo contrário, encaixa-se em uma longa linha de pesquisas que teve início no século dezoito. Logo a seguir, apresentaremos um panorama da história dos estudos que direcionavam seu interesse para esta tríade. Começaremos com as origens das reflexões sobre a relação entre língua e pensamento na filosofia, que resultaram na integração do terceiro elemento, a cultura, que se iniciou com Johann Gottfried Herder e, logo depois, com a fundamentação da Linguística como ciência própria, a saber, com os estudos comparativos de Wilhelm von Humboldt. Passaremos pela Linguística Antropológica norte-americana antes de apresentar o surgimento, bem como os pilares básicos da Linguística Cultural, fundada por Gary Palmer e consolidada por Farzad Sharifian. Finalmente, discutiremos sobre alguns temas atuais e terminaremos com uma reflexão crítica.

¹ No original: “If language affords a window into the mind, and if there are differences in individual minds as a result of differences in the cultures that form these minds, then language (at all levels of analysis) will also provide a window into culturally specific cognition.”

2. Os precursores da Linguística Cultural

2.1. Língua, pensamento e cultura na filosofia dos séculos dezoito e dezenove

É especialmente a partir dos filósofos Locke, Leibniz, Condillac, Michaelis e Hamann que se inicia, no final do século dezessete, um discurso novo sobre a influência da língua sobre o pensamento, que, primeiramente, considera a língua de forma geral, mas, pouco a pouco, coloca em pauta uma reflexão sobre a diferença entre as línguas (WERLEN, 2002). Recorrendo ao empirismo de John Locke, o francês Etienne Bonnot de Condillac (1746) despede-se no seu *Essai sur l'origine des connoissance humaines* do universalismo presente no conceito de ideias inatas e passa a destacar as características específicas das línguas e sua relação causal com as características do respectivo povo e de seu habitat, tais como clima ou governo. Logo depois, em 1757, esta questão é retomada pela Academia das Ciências de Berlim na sua Tese de Prêmio (*Preisschrift*) que pergunta pela influência das opiniões sobre a língua e da língua sobre as opiniões. Na sua resposta, o teólogo e orientalista Johann David Michaelis (1774 [1762]) aborda o tema da diversidade dos sistemas lexicais botânicos em dependência das correspondentes línguas, bem como a relação entre o significado de um termo em dependência dos valores que este assume para o povo em questão. Michaelis ilustra que a palavra *deus*, por exemplo, tem significado diferente para um romano que fala latim e adora vários deuses e para alguém que acredita em apenas um deus. Já para o filósofo Johann Georg Hamann (1750-51 [1758-1788]), a língua é *a priori*, ela é anterior até à razão e, com isto, Hamann opõe-se radicalmente a Immanuel Kant. Enquanto Kant (1781 [1781]) pressupõe que apenas temos acesso ao mundo a partir das categorias de espaço e tempo, Hamann contesta que haja razão sem língua, de modo que até as categorias espaciais e temporais têm que ser concebidas como resultado da história e da língua.

Ora, é Johann Gottfried Herder que começa a integrar um elemento adicional e cria, assim, uma tríade que se torna um objeto de reflexão até os dias atuais, a tríade linguagem, pensamento e cultura. O ponto de partida é o famoso tratado *Über den Ursprung der Sprache* (HERDER, 2002 [1772]; *Ensaio sobre a Origem da Linguagem*), por sua vez, também Tese de Prêmio (*Preisschrift*) da Academia das Ciências de Berlim. O autor compara a língua de uma nação com um organismo, alegoria que se tornou constitutiva para o romantismo: “Assim, esta planta transformou-se de acordo com a terra que a alimentava e o ar do céu em que se embebia”² (HERDER citado em WERLEN, 2002, p. 119, tradução nossa). Chama atenção que os tópicos que Herder tematiza a partir da hipótese central de que há um nexos entre costume, caráter, origem de um povo e sua língua tratam de aspectos que até hoje formam questões centrais nas abordagens do campo da Linguística Cultural: ele já discorre sobre a variação na percepção e denominação de cores, as relações de parentesco, a semântica dos verbos das línguas indígenas americanas, as formas de tratamento e os estilos de fala de homem e mulher. Por exemplo, Herder (2002 [1772], p. 68-72) aponta o fato de que o árabe possui um vocabulário mais extenso para palavras como *pedra*, *camelo*, *espada* ou *serpente*, ou seja, coisas que fazem parte da vida deste povo; que o esla-

² No original: “So wandelte sich diese Pflanze nach dem Boden, der sie nährte, und der Himmelsluft, die sie tränkte.”



vo usa mais títulos para destacar graus de polidez para mulheres; que o caribenho, por um lado, tem línguas diferentes para homens e para mulheres, mas, por outro lado, tem apenas quatro palavras para cores; e que os huronianos têm verbos duplos para serem usados com objetos que tenham ou não alma. Herder (1965 [1877]) dá uma explicação para a variedade e o universalismo do ser humano: o ser humano é *per se* igual no globo todo, porém ele tem que se adaptar às respectivas condições físicas, climáticas e geográficas e, como consequência, desenvolver formas diversas de expressão e cultura. A língua reflete este local específico no qual o homem é inserido.

Em 1827, Wilhelm von Humboldt escreve seu ensaio *Ueber die Verschiedenheiten des menschlichen Sprachbaues* (*Sobre as diferenças na estrutura da linguagem humana*), no qual ele defende que uma língua sempre tem que ser investigada junto ao povo, à nação, à história e aos costumes. Como Herder, Humboldt também não pode ser simplesmente visto como um representante do Romantismo. Mais propriamente, ele sintetiza posições do Iluminismo e Idealismo, acrescentando a estas perspectivas uma abordagem histórico-empírica. A ideia de que a experiência do real requer o trabalho do pensamento, que teve como base a filosofia de Kant, o levaria à tese da interdependência entre pensar e falar. Foi o contato com a língua basca na Espanha e, mais tarde, o acesso aos manuscritos de missionários sobre línguas da América Central e América do Sul que romperam com a visão etnocentrista, predominante da época, de que todas as línguas eram criadas seguindo o modelo do latim (HUMBOLDT, 1905 [1821], p. 237; DEUTSCHER, 2010, p. 153-154), levando-o à ideia de que “em cada língua encontra-se uma visão de mundo particular”³ (HUMBOLDT, 2003 [1827], p. 326). No entanto, esta relação não é unidirecional, como postula o filósofo: “sua língua é seu espírito e seu espírito, sua língua, tem-se que imaginá-los o mais idêntico possível”⁴ (HUMBOLDT, 2003 [1827], p. 312, tradução nossa). É por isso que a diversidade entre as línguas precisa ser concebida como uma diferença de visões de mundo (*Weltansichten*). Por conseguinte, aprender uma nova língua significa aprender um novo ponto de vista, ainda que missionários tenham dado descrições de povos indígenas a partir dos seus próprios sistemas de valores, crenças e hábitos. Há línguas, como a maioria das indo-germânicas, que possuem a terceira pessoa em sentido abstrato, em oposição a línguas em que há vários pronomes para a terceira pessoa, seja para diferenciar a posição que ela assume (sentado, em pé, deitado) ou o grau de proximidade e a distância em que está posicionada; outras línguas apenas têm a categoria da primeira e da segunda pessoas, o *eu* e o *tu* (HUMBOLDT, 1994 [1827], p. 162-163). A partir de observações dessa natureza sobre diferenças entre as línguas, Humboldt integrou a teoria da percepção de Kant de que as sensações seriam ordenadas por categorias ou intuições impostas pela mente, particularmente relativas a espaço, tempo e causalidade, porém dando-lhe uma versão linguística por criar a noção da *innere Sprachform* (‘forma interna da língua’), isto é, cada língua categoriza os dados da experiência de acordo com os seus sistemas, de modo que falantes de diferentes línguas teriam diferentes sistemas de pensamento (CORRÊA, 2006).

Os trabalhos pré-humboldtianos, bem como a obra do próprio Humboldt, não apenas formam o ponto de partida para a Linguística Geral como também para uma grande variedade de

³ No original: “liegt in jeder Sprache eine eigenthümliche Weltansicht”.

⁴ No original: “ihre Sprache ist ihr Geist und ihr Geist ihre Sprache, man kann sich beide nie identisch genug denken”.

linhas de pesquisa interessadas na relação entre linguagem, pensamento e cultura, tais como a Psicologia dos Povos (Heyman Steinthal, Moritz Lazarus, Georg von Gabelentz) no final do século dezenove, a Gramática Semântica (*Inhaltsbezogene Grammatik*, Johann Leo Weisgerber, Jost Trier, Hans Glinz e Walter Porzig) nos anos cinquenta do século vinte, que já antecipou com seus estudos alguns conceitos da Linguística Cognitiva, e a Linguística Antropológica, que discutiremos na próxima seção.

2.2. A Linguística Antropológica na primeira metade do século vinte

A contribuição-chave da Linguística Antropológica da linha Boas – Sapir – Whorf está na virada empírica que estes pesquisadores dão ao se basearem nos pilares teóricos e descritivos dos seus antecessores Herder e Humboldt. Franz Boas estuda física e geografia na Alemanha, defende seu doutorado em psicofísica e chega, finalmente, à antropologia. Ele estuda os povos nativos da América com base em trabalho de campo e foca nas funções da linguagem na organização da nossa experiência ao enfatizar particularmente seu papel classificatório (FOLEY, 1997, p. 193-194). A relação entre língua e pensamento, de acordo com Boas, é unidirecional, isto é, categorias linguísticas são capazes de exprimir categorias do pensar, porém não há o caminho invertido, ou seja, categorias linguísticas não determinam o pensamento. Esta posição baseia-se na convicção de Boas de que há uma unidade psíquica da humanidade de modo que as capacidades individuais não variam entre culturas. Por conseguinte, diferenças com respeito a fenômenos linguísticos não refletem diferenças cognitivas, mas apenas evidenciam ênfases e interesses distintos da respectiva cultura. Em oposição a uma visão etnocêntrica, Boas (1911, p. 64) defende que, por exemplo, a explicação para o porquê de o sistema dos números ser marginal em muitas línguas indígenas não pode estar interligado a uma suposta deficiência cognitiva, mas deveria ser entendido como a falta de necessidade de se ter números mais altos, pois não há um tal número de objetos relevantes que tenham que ser contados. Ora, Boas (1911) apresenta uma série de diferenças na organização linguística do mundo, por exemplo, no tocante ao gênero. Enquanto a maioria das línguas indo-germânicas classifica seus substantivos de acordo com gênero, caso e número, os algonquianos da América do Norte, classificam-os a partir da categoria ‘animado/não animado’, e a língua sioux classifica substantivos entre objetos animados que se movem e objetos não animados, por sua vez subclassificados como objetos longos, redondos, altos e coletivos. Já os iroqueses, distinguem entre substantivos que designam homens e outros substantivos, ao passo que os yuchi distinguem entre membros da tribo e outros seres humanos. Tais sistemas de classificação ilustram que o gênero é apenas uma possibilidade entre muitas formas diferentes de classificação. Boas conclui que “em cada língua apenas uma parte do conceito integral que temos em mente é expressa, e cada língua tem uma tendência particular de selecionar este ou aquele aspecto da imagem mental que é enunciada pela expressão do pensamento”⁵ (BOAS, 1911, p. 43, tradução nossa).

⁵ No original: “in each language only a part of the complete concept that we have in mind is expressed, and that each language has a peculiar tendency to select this or that aspect of the mental image which is conveyed by the expression of the thought.”



Convém destacar que Edward Sapir também nasceu na Europa, a saber, na Pomerânia, uma província prussiana. Ainda menino, emigrou com a família judaica para Nova Iorque, onde estudou Filologia Germânica e escreveu sua dissertação intitulada *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* de Herder (2002 [1772]). Em Nova Iorque, ele conheceu Boas, o que o levou a estudar chinook, navajo, nuu-chah-nulth, yana, tlingit, sarcee, kutchi, deg xinaq, hupa, paiute e outras línguas de povos nativos americanos (DEUTSCHER, 2010, p. 158). Porém, em oposição a Boas, Sapir salienta mais as funções convencional e social das classificações linguísticas concebidas como sistemas compartilhados pelos membros de um grupo cultural, ou seja, classificações linguísticas não são simplesmente etiquetas aplicadas por um falante a um mundo dado objetivamente, mas é por meio dessas etiquetas que a realidade experimentada é mediada social e culturalmente (SAPIR, 1921), o que se contrapõe à visão individualista de Boas, cujo foco está em ideias mentais. Nesse contexto, Sapir já cunha o termo *concept* e antecipa a ideia de *frame* que hoje conhecemos da Linguística Cognitiva, além de já ter visto interligações com a Psicologia Gestalt ao agrupar os níveis do indivíduo e do grupo, da língua como sistema e como fala, unindo, destarte, cognição, comunicação e cultura ao elaborar uma ideia de ‘modelos culturais’ (SAPIR, 1921, p. 12).

Consoante à posição de Boas acerca do etnocentrismo, Sapir (1963 [1924], p. 150-159) igualmente vê a falta de vocabulário para tratar de conceitos abstratos em muitas línguas indígenas em sintonia com uma falta de necessidade de conceitos deste campo intelectual que algumas culturas têm. Todavia, Sapir chega a uma conclusão inversa à de Boas, voltando-se para Humboldt ao ressaltar que são principalmente as línguas que canalizam o pensamento conceptual de modo diferente a partir das suas categorias gramaticais (SAPIR, 1963 [1924], p. 159). Ao explicar que a sentença *The stone falls* em inglês mudaria para *It stones down* em nuu-chah-nult, Sapir mostra que, na versão de nuu-chah-nult, a qualidade do objeto da pedra está embebida no verbo em si ao passo que o tipo específico do movimento é concebido separadamente pela direção. Já o inglês constrói o evento a partir de uma ação e um paciente, o objeto, que representa uma entidade que passa por um deslocamento no espaço, uma visão não compartilhada em nuu-chah-nult.

O aluno de Sapir, Benjamin Lee Whorf, começou a trabalhar com a língua hopi em 1932, quando seu interesse foi despertado por um informante que viveu em Nova Iorque e que explicou para Whorf que a classificação das palavras em substantivos e verbos de acordo com as línguas indo-europeias não se aplica ao hopi. Como os seus antecessores, Whorf percebe uma interligação nítida de gramática e semântica, posteriormente elaborada pelo programa da Gramática Cognitiva, quando ele assinala: “linguística é essencialmente a questão do *significado*”⁶ (WHORF, 1956 [1936], p. 73, tradução nossa). Ao invés de pressupor que substantivos denominam objetos enquanto verbos denominam eventos, Whorf inverte o caminho: as categorias ‘substantivo’ e ‘verbo’ não denominam objetos e eventos; muito pelo contrário, elas levam o falante de uma língua específica a considerar como objeto tudo aquilo que a língua

⁶ No original: “linguistics is essentially the question of MEANING.”

exprime como tal pela categoria do ‘substantivo’ e a considerar como verbo tudo aquilo que a língua exprime como tal pela categoria do ‘verbo’, o que promove uma divisão bipolar da natureza, ao passo que outras línguas favorecem uma visão monista dela (WERLEN, 2002, p. 208-209). Com relação ao hopi, Whorf (1944) revela as seguintes diferenças linguísticas em comparação às línguas que ele inclui na categoria *Standard Average European* (SAE): o hopi não possui termos para o plural com relação ao tempo, espaço, substâncias ou assuntos, ou seja, para um plural imaginário. Enquanto em SAE, pode-se dizer “dez dias” em analogia a “dez homens”, embora apenas um dia possa ser experimentado, em hopi, não é possível e esta afirmação se tornaria “eles ficaram até o décimo-primeiro dia”. Dito a partir da terminologia da Linguística Cognitiva, o hopi não conhece a metáfora TEMPO É ESPAÇO (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]). Da mesma forma, o SAE possui substantivos individuais, bem como substantivos coletivos, como *água, leite, carne, areia*, que denotam continuidades homogêneas sem fronteiras expressas e, por isso, individualizadas por outros meios linguísticos que Whorf chama fórmulas de contêiner: um copo de água. Tais ‘binominais’ dividem o referente em um material sem forma e esta fórmula é até estendida a objetos abstratos: um momento de seu tempo. Já em hopi, não existe tal ‘binominalismo’. Tempo não é visto como um objeto que pode ser agrupado ou recortado, o hopi não possui uma noção geral de tempo como um fluxo contínuo no qual todas as partes do universo prosseguem com a mesma velocidade. Por conseguinte, o hopi não possui três tempos diferentes para seus verbos, mas um sistema de aspecto e modo. Por fim, Whorf segue a posição de Sapir, acrescentando que língua “não é apenas uma ferramenta reprodutora para expressar ideias, mas sim é por si um modelador de ideias, o programa e guia para a atividade mental do indivíduo”⁷ (WHORF, 1956 [1940], p. 212, tradução nossa), o que serve como base para a Hipótese da Relatividade Linguística (WHORF 1956 [1940], p. 192).

Como bem se sabe, a Hipótese de Sapir-Whorf causou muitos debates polêmicos no mundo acadêmico, tais como os inúmeros estudos relacionados à universalidade e variedade cultural das cores básicas que foram conduzidos no campo da Psicolinguística e Etnosemântica. Não podemos discutir aqui por razões de espaço (cf., entre outros, DEUTSCHER, 2010; SAMPAIO, 2018; SINHA, 2021), mas, *grosso modo*, após uma fase de um novo universalismo pós-whorfiano crítico, que interpretou os trabalhos de Whorf como um determinismo radical, a partir dos trabalhos sobre conceitos espaciais de referência, iniciados por Lucy (1992a, b), pelo *Cognitive Anthropology Group* do Max Planck Institute for Psycholinguistics em Nijmegen nos anos noventa, bem como pela publicação do volume programático *Rethinking Linguistic Relativity*, organizado por Gumperz e Levinson (1996), iniciou-se uma ‘redescoberta’ e uma ‘releitura’ da Hipótese de Sapir-Whorf, que propagou uma versão fraca em relação a ela, pautada, sobretudo, na obra de Sapir (SAMPALIO, 2018, p. 233).

⁷ No original: “is not merely a reproducing instrument for voicing ideas but rather is itself the shaper of ideas, the program and guide for the individual’s mental activity.”



3. A Linguística Cultural

3.1. Surgimento

Com o novo milênio, houve uma reorientação da Linguística Cognitiva que recebeu críticas crescentes quanto ao seu alto grau de abstração, seu individualismo metodológico, bem como sua frequente abstenção de dados autênticos (SCHRÖDER, 2012). De acordo com Geeraerts (2016), três níveis de variação despertam a atenção: (a) a sociolinguística, (b) a cultural e (c) a individual e social. É neste cenário que a Linguística Cultural nasceu como síntese da Linguística Cognitiva com a Linguística Antropológica, a Etnosemântica e a Etnografia da Comunicação (PALMER, 1996), embora, em rigor, trate-se mais de uma *culture renaissance* (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013; SCHRÖDER; CARNEIRO MENDES, 2018). E de fato, ainda nos anos oitenta, quando a Linguística Cognitiva se consolidava, havia debates frutíferos ao redor da influência cultural em metáforas conceituais como TIME IS MONEY (LAKOFF; JOHNSON 2003 [1980]), em questões ligadas à primazia de modelos, esquemas e/ou metáforas no campo da Antropologia Cognitiva e Linguística Cognitiva (QUINN; 1991; HOLLAND; QUINN, 1987) etc. Sendo assim, não surpreende que, no seu livro pioneiro, Palmer refira-se já nas primeiras páginas ao fundador da Semântica de *Frames*, Charles Fillmore, em que consta que “quando você pega uma palavra, você arrasta com ela um cenário integral”⁸ (FILLMORE, 1975, p. 114, citado em PALMER, 1996, p. 5, citação nossa), para apontar esta interface entre conceito e *frame*. O significado representa um ponto de partida, e as línguas são concebidas como vastos estoques de expressões e estruturas contendo imagens estáveis, tais como morfemas, palavras, paráfrases idiomáticas, metáforas, narrativas tradicionais etc. O uso de cada expressão ainda implica o uso original e, concomitantemente, a enquadra em uma situação social e linguisticamente particular. É por isso que a Linguística Cognitiva é entendida como uma abordagem indutiva, não reductiva, *bottom-up*, e baseada no uso, que concebe a estrutura linguística como algo que emerge do contexto e envolve conhecimento cultural recorrente. Por conseguinte, como na Linguística Cognitiva, Palmer parte do pressuposto de que o discurso está profundamente entrelaçado com imagens convencionais (*imagery*), mas ressalta vigorosamente o papel indispensável da cultura, cujo conhecimento acumulado se encontra de forma empacotada nestas imagens, assim como o estoque de modelos cognitivos, esquemas e cenários de uma dada comunidade. Mais tarde, Farzad Sharifian propõe um arcabouço teórico básico para a Linguística Cultural, no qual a ‘cognição cultural’ é estruturada não mais por ‘imagens’ (*imagery*), mas por ‘conceptualizações culturais’ (*cultural conceptualizations*) que representam as experiências e interpretações de mundo de diferentes grupos culturais e são transmitidas por meio da linguagem (SHARIFIAN, 2011, p. 47). Não obstante, Sharifian não defende uma visão homogênea e estática dessas conceptualizações culturalmente específicas; precisamente, ele fala de ‘cognição distribuída’, termo com o qual Sharifian refere-se ao “conhecimento cultural que emerge das interações entre os membros

⁸ No original: “when you pick up a word, you drag along with it a whole scene.”

de um grupo cultural no decorrer do tempo e do espaço”⁹ (2015, p. 476, tradução nossa). Ele continua seu argumento:

como todos sistemas emergentes, a cognição cultural é dinâmica no sentido de que é negociada e renegociada constantemente dentro do grupo cultural relevante e por gerações, assim como em resposta ao contato que membros deste grupo mantêm com outras línguas e culturas. (SHARIFIAN, 2015, p. 476, tradução nossa)¹⁰

3.2. Os conceitos básicos da Linguística Cultural

Consoante esta fundamentação da Linguística Cultural, Sharifian (2011; 2017) entende as conceptualizações culturais como sendo compostas por elementos e relações básicos que estão entrelaçados e presentes nos níveis cognitivo e linguístico.

Os ‘esquemas culturais’ (*cultural schemas*) referem-se a esquemas imagéticos, a *slots* em atos de fala pragmáticos ou a construções, bem como a cenários ou *scripts* culturais. Sharifian (2017) aponta, por exemplo, o esquema da ‘privacidade’, que representa um conceito carregado de aspectos histórico-culturais interligados ao individualismo e protestantismo da cultura norte-americana. O autor (SHARIFIAN, 2011) também realizou um estudo sobre o termo *home* (“casa”) em inglês aborígene em oposição ao inglês australiano, que revelou que, no inglês aborígene, o termo é mais associado a pessoas, em geral à família extensa, ao passo que, no inglês australiano, está mais relacionado a um local, uma casa ou um apartamento onde a pessoa mora. Em um estudo multimodal e interacional, Schröder e Streeck (2022) mostram como o esquema específico da cultura brasileira ‘jeitinho’ é incorporado e conceitualizado por brasileiros de forma mais saliente em oposição a alemães, mesmo tendo os últimos vivido no Brasil há mais de vinte anos.

A categorização cultural (*cultural categorization*) trata do modo como uma comunidade cultural categoriza o mundo linguisticamente, sobretudo gramaticalmente. Baseado em um estudo sobre bantu e apache conduzido por Basso (1990b), Palmer (1996, p. 142-145) ressalta as similaridades na classificação semântica das duas línguas, apesar de pertencerem a famílias linguísticas diferentes e serem ainda separadas pelo oceano. Todavia, há também diferenças entre elas: a língua bantu apresenta mais categorias que distinguem humanos de animais e categorias relacionadas às curvaturas de objetos, ao reconhecimento de substâncias não intangíveis e à avaliação social, ao passo que o sistema de classificação do apache revela um interesse maior em valores tangíveis e mecânicos, tais como pluralidade, flexibilidade, contenção e portabilidade. Estas preferências divergentes refletem um ‘estilo proximal de classificação’ no caso apache, típico para grupos vivendo em ambiente florestal, em oposição a um ‘estilo distal de classificação’, típico para grupos de caçadores-coletores, como no caso bantu.

⁹ No original: “the cultural knowledge that emerges from the interactions between members of a cultural group across time and space.”

¹⁰ No original: “like all emergent systems, cultural cognition is dynamic in that it is constantly being negotiated and renegotiated within and across the generations of the relevant cultural group, as well as in response to the contact that members of that group have with other languages and cultures.”



As ‘metáforas culturais’ (*cultural metaphors*) referem-se ao mapeamento de estruturas e elementos de um domínio-fonte para um domínio-alvo que frequentemente se baseia em experiências corporais que são projetadas a domínios abstratos (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]). Ao se referir à distinção entre universalidade e variação entre as línguas e culturas, Kövecses (2005, p. 68-69) mostra que há evidências em muitas línguas de origens diferentes para a metáfora primária, esquemática e genérica, que se baseia em uma emoção associada a um estado corporal básico, A PESSOA COM RAIVA É UM CONTÊINER PRESSURIZADO. Não obstante, a partir dessa metáfora, questões relacionadas ao modo como o contêiner reage, a maneira como sua pressão interna sobe, a natureza da substância inerente ao contêiner, as possíveis consequências de uma eventual explosão, e a reação a uma eventual explosão, se a explosão seria algo socialmente aceitável ou não, entre outros, revelam indagações que podem ser respondidas apenas por meio de metáforas culturalmente específicas e concretas, sendo que elas mesmas estão entrelaçadas intimamente com os valores da correspondente comunidade cultural.

Os ‘modelos culturais’ (*cultural models*) já vão além de uma mera metáfora e englobam conceptualizações globais. Yu (2015) destaca os modelos culturais divergentes no mundo ocidental em oposição à cultura chinesa, que se tornam visíveis na conceptualização dualista da pessoa como corpo + mente, na versão ocidental, ao passo que, na cultura chinesa, a pessoa é conceptualizada como corpo + coração (*xin*) não separados, uma vez que o segundo elemento é integrado ao primeiro e, por conseguinte, *locus* de atividades afetivas e cognitivas, uma visão firmemente enraizada na filosofia e medicina chinesas. Também mais ligado a uma conceptualização holística é o modelo cultural aborígene TERRA É PARENTE, que se refere ao mapeamento de conceitos de parentesco ao domínio da terra, resultando em expressões que denominam a terra como o “avô” ou a “mãe”, bem como expressões verbais, tais como “crescer a terra” significando ‘cuidar da terra’. Esta conceptualização tem origem na *Aboriginal Dreamtime*, uma época pré-histórica na qual os ancestrais viviam como animais, formas humanas e se transformavam em formas de paisagem, árvores e pedras, de modo que, hoje em dia, a terra incorpora os espíritos desses ancestrais (SHARIFIAN, 2011, p. 57).

3.3. Direções atuais da Linguística Cultural

No decorrer das últimas duas décadas, surgiram correntes novas no campo da Linguística Cultural que apontam para duas direções, a saber: por um lado, para o contexto de *World Englishes* (WE) e Inglês como Língua Franca (ILF), e, por outro lado, para o âmbito dos estudos da comunicação intercultural geral. Além disso, no que diz respeito a uma visão mais holística da comunicação, convém salientar que cada vez mais estudos começam a direcionar seu olhar para aspectos corporal-gestuais que apontam para uma perspectiva do *extended embodiment* (SINHA, 2021, p. 393).

O ponto de partida para WE é o pressuposto de que há variedade conceptual associada às variedades do inglês no nível linguístico (SADEGHPOUR; SHARIFIAN, 2021). Wolf e Polzenhagen (2006) mostram esta diferença, por exemplo, a partir da metáfora UNIVERSIDADE É UMA FAMÍLIA, que é acompanhada por lexemas, como “*obedience*” no inglês de Hong Kong, ao passo

que, no inglês de culturas ocidentais, termos como “*nurture*” e “*care*” representam lexemas associados. Mendes de Oliveira (2020) investigou a comunicação empresarial em ILF entre funcionários brasileiros e alemães e revela que respeito é conceptualizado pelo esquema imagético de *DIVISÃO VERTICAL* pelos funcionários brasileiros com mais frequência, indicando um modelo mais hierárquico, em oposição aos funcionários alemães, que mostraram uma preferência pelo esquema *DIVISÃO HORIZONTAL* e conceptualizaram suas comunicações em termos de uma transação. Além do inglês, em um estudo de *corpus*, Soares da Silva (2022a, b) mostra que a questão da variação pluricêntrica encontra-se também no português europeu em comparação ao português brasileiro. Ao retomar a questão das emoções, seu estudo explora a conceptualização de raiva, orgulho e amor em ocorrências de blogues e uma subsequente análise quantitativa multivariada. De acordo com o autor, enquanto as conceptualizações metafóricas dessas emoções em PE correlacionam-se com um modelo cultural mais individualista, no caso do Brasil, os resultados do PB podem ser mais associados a uma cultura de cunho coletivista.

No campo da fala-em-interação multimodal, a partir de uma abordagem cognitivo-intercultural, Senkbeil (2020) analisa expressões idiomáticas no discurso intercultural em ILF e revela que significados figurativos estão conectados a conhecimentos corporificados e são reconstruídos nestas interações interculturais sem problema, uma vez que esse conhecimento se baseia em metáforas primárias que são compartilhadas ou coconstruídas *in situ*, além de serem introduzidas por pistas metadiscursivas. Um aumento de atitudes metarreflexivas, bem como uma elaboração e modificação de conceptualizações esquemáticas e metafóricas relacionadas a experiências interculturais constituem também o tópico dos estudos de Schröder (2020; 2022). Ela revela que intercambistas recorrem a conceptualizações, como *CULTURA É CONTÊINER*, *BRA- SILEIROS SÃO ABERTOS/ CORDIAIS* e *ALEMÃES SÃO FECHADOS/ FRIOS*, e não apenas isso. Os intercambistas dessas conversas enunciam estas opiniões no plano multimodal, incluindo meios verbais, prosódicos e gestual-corporais, e refletem sobre estas atitudes e experiências relatadas criticamente, destarte elaborando, modificando e animando tais conceptualizações.

Enquanto este olhar holístico ainda é raro no campo da comunicação intercultural, já se pode constatar um número considerável de estudos que reúnem questões cognitivas, linguísticas e culturais integrando igualmente o plano corporal-gestual. O exemplo mais proeminente é o estudo do tempo em diversas culturas e, entre estes estudos, o caso dos falantes da língua aimará na zona dos Andes, que mapeiam o futuro no espaço atrás deles e o passado no espaço em frente a eles. Este mapeamento invertido em relação àquele das línguas indo-europeias reflete a ênfase que esta comunidade dá à percepção visual como fonte de conhecimento, uma vez que o que é conhecido – o passado – é projetado para a frente, e o que não é conhecido – o futuro – para trás. Ora, em sintonia com esta conceptualização, os falantes também apontam para um lugar mais distante em frente a eles, para indicar um evento mais anterior, e para um lugar mais próximo a eles, para indicar um evento que ocorreu pouco tempo atrás (NÚÑEZ; SWEETSER, 2006; REITER, 2014). Outrossim, falantes de iucateque utilizam um mapeamento metafórico ao apontar para os próprios pés, quando se referem ao agora ou a um momento específico, e ao espaço acima da própria cabeça, quando se referem a um tempo remoto, seja futuro ou passado (BROWN, 2014, p. 1211).



5. Considerações finais

Iniciada há mais de dois séculos, a relação entre cognição, linguagem e cultura é estudada em um primeiro momento nomeadamente no campo da filosofia antes de passar para o campo da antropologia e da linguística. Atualmente, observa-se uma certa primazia de abordagens que defendem um conceito mais híbrido, desconstrutivista e crítico com relação à noção de cultura. No entanto, ao assumir esta perspectiva extracomunicativa e, às vezes, bastante idealista, com base em comunidades *on-line*, acadêmicas e de empresas internacionais, muitas vezes é negligenciada a visão comunicativa do participante que é inserido no novo mundo plenamente, no nível corporal, emocional, cognitivo e linguístico (SCHRÖDER; MENDES; WOLF, 2020). A Linguística Cultural retoma estas questões e estes questionamentos fundamentais em um mundo que cada vez mais enfrenta novos e velhos conflitos e desafios que erroneamente foram imaginados como questões superadas e, concomitantemente, atende à complexidade multicultural e multilinguística em que vivemos nos dias atuais.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- BASSO, Ellen B. **Western Apache language and culture: essays in linguistic anthropology**. Tucson: University of Arizona Press, 1990.
- BOAS, Franz. Introduction. *In*: BOAS, Franz. **Handbook of American Indian Languages**. Vol. 1. Washington: Bureau of American Ethnology. Bulletin 40, 1911. p. 1-85.
- BROWN, Penelope. Gestures in native Mexico and Central America: The Mayan cultures. *In*: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen et al. (Orgs.). **Body – language – communication: An international handbook on multimodality in human interaction**. Vol. 2. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1206-1215.
- CONDILLAC, Etienne Bonmot de. **Essai sur l'origine des connoissance humaines**. Amsterdam: Pierre Mortier, 1746.
- CORRÊA, Leticia M. S. Língua e Cognição: Antes e depois da revolução cognitiva. *In*: PFEIFFER, Claudia C.; NUNES, José H. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Editora Pontes, 2006. p. 103-140.
- DEUTSCHER, Guy. **Im Spiegel der Sprache**. München: C.H. Beck, 2010.
- FILLMORE, Charles J. Topics in lexical semantics. *In*: COLE, Roger W. (Org.). **Current issues in linguistics**. Bloomington: Indiana University Press, 1975. p. 76-138.
- FOLEY, William A. **Anthropological linguistics: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- GEERAERTS, Dirk. The sociosemiotic commitment. **Cognitive Linguistics**. v. 27, n. 4, p. 527-542, 2016.



GUMPERZ, John; LEVINSON, Steven (Orgs.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HAMANN, Johann Georg. **Sämtliche Werke**: Historisch-kritische Ausgabe von Josef Nadler. 2. Band: Schriften über Philosophie/Philologie/Kritik 1758-1763. 3. Band: Schriften über Sprache/Mysterien/Vernunft 1772-1788. Wien: Thomas-Morus, 1950-1951.

HERDER, Johann Gottfried. **Abhandlung über den Ursprung der Sprache**. Org. por Hans-Dietrich Irmscher. Stuttgart: Reclam, 2002 [1772].

HERDER, Johann Gottfried. **Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit**. Stolpe; Berlin; Weimar: Aufbau, 1965 [1877].

HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi. **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Versuch einer Analyse der Mexicanischen Sprache. *In*: LEITZMANN, Albert (Org.). **Wilhelm von Humboldts Gesammelte Schriften**. 4. Band. Berlin: Behr's Verlag, 1905 [1821]. p. 233-284.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**. Wiesbaden: Fourier Verlag, 2003 [1827].

HUMBOLDT, Wilhelm von. Ueber den Dualis. *In*: HUMBOLDT, Wilhelm von. **Über die Sprache**. Reden vor der Akademie. Org. por Jürgen Trabant. München: Wilhelm Fink, 1994 [1827]. p. 143-169.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. The relationship between conceptual metaphor and culture. **Intercultural Pragmatics**. v. 10, n. 2, p. 315-339, 2013.

KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Immanuel Kant Werkausgabe. Org. por W. Weischedel. Bde. 3. u. 4. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1968 [1781].

KÖVECSESE, Zoltán. **Metaphor in culture. Universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LUCY, John A. **Grammatical categories and cognition. A case study of the linguistic relativity hypothesis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992a.

LUCY, John A. **Language diversity and thought. A reformulation of the linguistic relativity hypothesis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992b.

MENDES DE OLIVEIRA, Milene. 2020. Face and cultural conceptualizations in German-Brazilian business exchanges. **International Journal of Language and Culture**, Special Issue: Intercultural pragmatics and cultural linguistics. v. 7, n. 1, p. 63-83, 2020.

MICHAELIS, Johann David. **De l'influence des opinions sur le langage et du langage sur les opinions**. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1974 [1762].

NÚÑEZ, Rafael E.; SWEETSER, Eve. With the future behind them: convergent evidence from Aymara language and gesture in crosslinguistic comparison of spatial construals of time. **Cognitive Science**. v. 30, p. 401-450, 2006.



- PALMER, Gary B. **Toward a theory of cultural linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1996.
- PALMER, Gary B. Cognitive linguistics and anthropological linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Orgs.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1045-1073.
- QUINN, Naomi. The cultural basis of metaphor. In: FERNANDEZ, James W. (Org.) **Beyond metaphor: the theory of tropes in anthropology**, Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 56-93.
- REITER, Sabine. Gestures in South American indigenous cultures. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen et al. (Orgs.). **Body – language – communication**. An international handbook on multimodality in human interaction. vol. 2. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1182-1193.
- SADEGHPOUR, Marzieh; SHARIFIAN, Farzad (Orgs.). **World Englishes and cultural linguistics**. Singapore: Springer, 2021.
- SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf. **Cadernos do IL**. n. 56, p. 229-240, 2018.
- SAPIR, Edward. **Language. An introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, Brace & World, 1921.
- SAPIR, Edward. The grammarian and his language. In: SAPIR, Edward. **Culture, language and personality**. Selected writings of Edward Sapir. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1963 [1924]. p. 150-159.
- SCHRÖDER, Ulrike. **Kommunikationstheoretische Fragestellungen in der kognitiven Metaphernforschung**. Eine Betrachtung von ihren Anfängen bis zur Gegenwart. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2012.
- SCHRÖDER, Ulrike. Talking about intercultural experiences: the cognitive ‘leap’ into another universe. **International Journal of Language and Culture**. v. 7, n. 1, p. 15-36, 2020.
- SCHRÖDER, Ulrike. How intercultural is built on the common ground of alterity experience: a cognitive-multimodal approach to talk-in-interaction. In: SCHRÖDER, Ulrike; MENDES DE OLIVEIRA, Milene; TENU-TA, Adriana Maria (Orgs.). **Metaphorical conceptualizations: (inter)cultural perspectives**. Berlin; New York; Amsterdam: De Gruyter Mouton, 2022. p. 309-340.
- SCHRÖDER, Ulrike; CARNEIRO MENDES, Mariana. “The game is rigged”: Framing real life metaphorically in the TV-epic *The Wire*. **Text & Talk**. v. 38, n. 1, p. 47-68, 2018.
- SCHRÖDER, Ulrike; MENDES DE OLIVEIRA, Milene; WOLF, Hans-Georg. Introduction to the special issue: intercultural Pragmatics and Cultural Linguistics. **International Journal of Language and Culture**. v. 7, n. 1, p. 1-14, 2020.
- SCHRÖDER, Ulrike; STREECK, Jürgen. Cultural concept, movement, and way of life: ‘Jeitinho’ in words and gestures. **Intercultural Pragmatics**. v. 19, n. 4, p. 427-457, 2022.
- SINHA, Chris. Culture in language and cognition. In: WEN, Xu; TAYLOR, John J. (Orgs.). **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. New York: Routledge, 2021. p. 387-402.
- SENKBEIL, Karsten. Idioms in intercultural communication: a cognitive and pragmatic perspective. **International Journal of Language and Culture**. Special Issue: Intercultural pragmatics and cultural linguistics. v. 7, n. 1. p. 38-61, 2020.

SHARIFIAN, Farzad. **Cultural conceptualisations and language: theoretical framework and applications**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

SHARIFIAN, Farzad. Cultural linguistics. *In*: SHARIFIAN, Farzad (Org.). **The Routledge handbook of language and culture**. London; New York: Routledge, 2015. p. 473-492.

SHARIFIAN, Farzad (Org.). **Advances in cultural linguistics**. Singapore: Springer, 2017.

SOARES DA SILVA, Augusto. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**. v. 1, p. 59-101, 1997.

SOARES DA SILVA, Augusto. Emoções, cognição e variação intralinguística e cultural. *In*: BATORÉO, Hanna Jakubowicz (Org.). **Linguagem – Cognição – Cultura: teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)**. Lisboa: Universidade Aberta, 2022^a. p. 46-83.

SOARES DA SILVA, Augusto. Metaphor, emotion, and intralinguistic cultural variation: metaphors of anger in European and Brazilian Portuguese. *In*: SCHRÖDER, Ulrike; MENDES DE OLIVEIRA, Milene; TENU-TA, Adriana Maria (Orgs.). **Metaphorical conceptualizations: (inter)cultural perspectives**. Berlin; New York; Amsterdam: De Gruyter Mouton, 2022. p. 189-222b.

WEN, Xu; TAYLOR, John. Introduction: Cognitive Linguistics. Retrospect and prospect. *In*: WEN; XU (Org.). **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. New York; Abingdon: Routledge, 2021. p. 1-15.

WERLEN, Iwar. **Sprachliche Relativität**. Tübingen; Basel: Francke, 2002.

WHORF, Benjamin Lee. A linguistic consideration of thinking in primitive communities. *In*: WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought and reality**. Selected writings of Benjamin Lee Whorf. Org. por John B. Carroll. Boston: Technology Press of M.I.T. New York: John Wiley & Sons; London: Chapman & Hall, 1956 [1936]. p. 65-86.

WHORF, Benjamin Lee. Science and Linguistics. *In*: WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought and reality**. Selected writings of Benjamin Lee Whorf. Org. por John B. Carroll. Boston: Technology Press of M.I.T. New York: John Wiley & Sons; London: Chapman & Hall, 1956 [1940]. p. 207-219.

WHORF, Benjamin Lee. The relation of habitual thought and behavior to language. **ETC: A Review of General Semantics** 1943-1953, p. 197-215, 1944.

WOLF, Hans-Georg; POLZENHAGEN, Frank. Intercultural communication in English: arguments for a cognitive approach to intercultural pragmatics. **Intercultural Pragmatics**. v. 3, n. 3. p. 285-321, 2006.

YU, Ning. 2015. Embodiment, culture, and language. *In*: SHARIFIAN, Farzad (Org.). **The Routledge handbook of language and culture**. London; New York: Routledge, p. 427-239, 2015.